

ACTIVIDADES DAS CRIANÇAS E JOVENS NO ESPECTÁCULO ARTÍSTICO E DESPORTIVO: A INFÂNCIA NA INDÚSTRIA DO ENTRETENIMENTO¹

Ana Melro²

Resumo: Escrever sobre crianças trabalhadoras no espetáculo artístico, remete-nos, muitas vezes, para um mundo de glamour, uma experiência ainda pouco conhecida e investigada que conduz a um “senso comum” repleto de ideias pré-concebidas e estereotipadas, daquilo que estas actividades significam e implicam, sobretudo para as crianças. Se analisarmos para além da aparência, considerarmos a essência desse trabalho e compreendermos os mecanismos sociais que o produzem, perceberemos crianças que trabalham muitas vezes longos e difíceis períodos de tempo. Este texto procura compreender, a partir do paradigma crítico da Sociologia da Infância, o papel das crianças que trabalham nas actividades artísticas, considerando-as como parte da indústria do espectáculo e do entretenimento. Pretende, ainda, discutir o conceito de trabalho artístico, que é demasiado amplo, até mesmo para exprimir a essência das realidades que o sustentam. Desta forma, pretende-se contribuir para a análise do Trabalho Infantil Artístico em Portugal, contribuindo para a desocultação de uma realidade que aparece largamente invisibilizada e/ou disfarçada. Assim, pretende conhecer as práticas sociais das crianças artistas, nas suas actividades espaciais e temporalmente situadas (casa, escola, local de realização de actividades, “recreio”, etc.), nos modos como tais práticas enredam os grupos sociais de pertença, as instituições de socialização e a vida social em sentido mais lato.

Palavras-chave: Infância. Trabalho. Trabalho Infantil Artístico.

Introdução

Existem mil e uma maneiras de falar sobre trabalho infantil artístico (que doravante designaremos por TIA). A definição das actividades que denominamos de trabalho das crianças deve ser analisado a partir do contexto sociopolítico, económico-cultural e legislativo a partir do qual o discutimos. É um campo tenso, complexo e contraditório. Adoptam-se vários ângulos de análise e assumem-se diferentes posições, algumas radicais e opostas: os que o defendem e os que condenam.

Podemos caracterizar o TIA como um globalismo localizado (SANTOS, 2001), ou seja, como um impacto preciso da globalização hegemónica nos quotidianos infantis. Dados recentes referem que mais de 200 milhões de crianças trabalham, legalmente ou não, e 126 milhões desempenham tarefas perigosas. Muitas crianças trabalham antes da idade legal para o fazerem. Estas crianças estão expostas a diversos tipos de violência, nomeadamente a abusos e exploração. Mesmo as que têm idade para trabalhar são, muitas vezes, vítimas de violência no trabalho.

Com a finalidade de reduzir os números do trabalho infantil, Woodhead propõe três desafios: “o estabelecimento de padrões de qualidade que sejam universais e que reflectam a diversidade de infâncias, analisadas dentro dos seus contextos cultural e histórico; constituir procedimentos de aplicação destes padrões de qualidade em contexto apropriado, localmente sustentados de forma centrada nas crianças; o terceiro desafio é garantir que as crianças sejam participantes activos no processo” (1999, p. 28).

Estas medidas podem aplicar-se à sociedade portuguesa, em geral, e ao fenómeno do TIA, em particular, pois os números de crianças trabalhadoras artistas não param de aumentar.

Assim, em Portugal, o TIA e o desporto federado ou de competição são fenómenos sociais presentes, estando cada vez mais disseminados pelo País havendo cada vez mais crianças e jovens a desempenhar essas actividades. Os “castings”, modo através do qual muitas agências de manequins e actores seleccionam as crianças que se enquadram no perfil desejado, já se realizam de Norte a Sul. Assim como os circos, que deambulam desde a mais pequena aldeia até à maior das cidades. Há, cada vez mais, escolas de circo ou de artes circenses. E, neste momento, quase todos os clubes desportivos têm uma escola onde se pode aperfeiçoar ou treinar uma arte ou habilidade desportiva, de forma cada vez mais precoce.

A realização deste estudo exploratório permitiu-nos observar a quantidade de crianças e jovens que recorrem aos “castings”, com desejos profissionais na área, ambicionando ultrapassar a barreira do anonimato, o direito aos “quinze minutos de fama” (Andy Warhol).

Acompanhámos os percursos das crianças-artistas de Novembro de 2006 a Janeiro de 2007 e a amostra seleccionada para as entrevistas foi constituída por duas crianças do circo, duas da televisão/cinema/teatro, três da moda/publicidade e três do desporto federado, com idades compreendidas entre os seis e os quinze anos. A selecção das crianças entrevistadas não levou em consideração o género, a situação perante o trabalho ou a classe social, na medida em que esta selecção foi feita pela agência, pelo treinador e pelo dono do circo.

São percursos marcados por princípios de multiplicidade e de descentramento, ou seja, analisam-se a partir da sua individualidade e heterogeneidade mas também a partir de algo que as une, o trabalho artístico.

Considerou-se igualmente importante considerar a opinião dos adultos que acompanham estas crianças. Por conseguinte, entrevistaram-se três mães na área circense, um pai e uma mãe das actividades na moda/publicidade, uma mãe de teatro/cinema/televisão e um pai na área do desporto. Foram, ainda, entrevistados o treinador; o dono do circo e na agência a representante do departamento de agenciamento.

A realização das entrevistas pretendia que as crianças, os seus pais e agentes:

falassem livre e espontaneamente sobre o seu passado e também sobre o seu futuro – as experiências porque haviam passado e os sonhos/tormentos do futuro; recordações de infância, acontecimentos da vida de estudante; aspectos sobre a vida; enfim, contingências da vida quotidiana [e do trabalho]. (PAIS, 2003, p. 99-100).

A observação foi uma técnica utilizada, na medida em que houve possibilidade de participar em algumas gravações de filmes, desfiles, na realização de catálogos, no desempenho de actividades desportivas e mesmo nas actividades circenses.

A análise de conteúdo das entrevistas realizadas permitiu filtrar teoricamente os elementos empíricos recolhidos, pois, como refere Pais (2003):

Se é verdade que toda a lógica de discurso, todo o contínuo da fala detém uma espécie de força de segurança que deriva do seu próprio encadeamento discursivo, também é certo que a análise de conteúdo é o estilhaçar dessa unidade encadeada; é um desvelar de sentido mas ao mesmo tempo um despedaçar desse mesmo sentido; é uma sequência de fragmentos cortados, um esquartejamento de uma unidade de sentido que dá lugar, sub-repticiamente, a outros sentidos (interpretativos)” (p. 105).

Hollywood como objectivo

A pobreza, geralmente, acciona os mecanismos de aceitação ou pelo menos permissão por parte dos pais do trabalho dos filhos. Cerca de 50% das crianças começam a trabalhar neste meio por influência dos pais (cf. SIETI/MSST, 2004). Crianças iniciam aos 4 anos as actividades artísticas, como por exemplo participar em desfiles de moda ou desde bebés em anúncios publicitários, obtendo a família dinheiro; todavia, relativamente ao TIA esta não é a razão primordial para que os números não parem de aumentar, devem-se analisar conjuntamente os factores económicos com os familiares, individuais, educacionais, assim como as representações sociais positivas que este tipo de trabalho proporciona; a mobilidade ascendente e a reprodução social e cultural também contribuem para esse facto, como poderemos constatar nos seguintes excertos:

[...] o meu sonho era ser actor, ir para Hollywood. (Carlos, 11 anos)³.

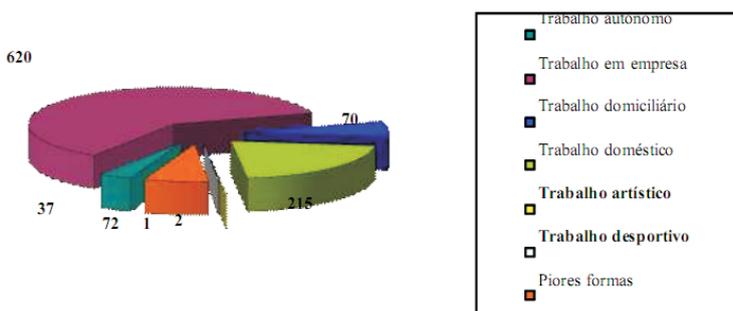
[...] e então disse “Carlos, é isso que queres filho, então dá o sonho à mãe, se é isso que queres ser, actor e realizador, dá esse sonho à mãe, o meu sonho era ir para Hollywood e eu gostava que tu desses esse sonho à mãe [...] era isso que eu gostava de ver-te a ti mais tarde” e ele adora isso, e ele adora isso mesmo. (Paula, mãe de Carlos (11 anos).

Debord (1991) caracteriza as sociedades contemporâneas como *sociedades do espectáculo*, em que tudo se transformou em imagem/espectáculo.

Pela análise das palavras de Paula e de Carlos podemos constatar que esta ambição poderá estar relacionada com o sonho criado nos Estados Unidos da América, onde “os meios de comunicação como o cinema e a televisão ajudaram a construir símbolos, mitos e heróis nacionais, foram apreciados politicamente pelo seu contributo à circulação [desse sonho]” (PONTE, 1998, p. 17). Situação que também acontece em Portugal com os actores de séries infanto-juvenis, resultado também de uma forte divulgação através do processo de mediatização, que são um veículo de extrema importância na divulgação de uma cultura hegemónica e consumista, criando ídolos infantis (TOMÁS, 2006).

Em Portugal, os dados estatísticos que caracterizam este fenómeno são ainda escassos. De acordo com o Relatório de Actividades de 2002 do Plano para a Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil (PEETI), actual Programa para a Prevenção e Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil (PETI), o número total de inquiridos em Portugal Continental inseridos em trabalho artístico é de duas crianças/jovens e em trabalho desportivo é de uma criança/jovem. Isso também é demonstrado pelo estudo elaborado em 2004 pelo Sistema de Informação Estatística sobre o Trabalho Infantil (SIETI), com uma amostra a nível das cidades de Lisboa e Porto, como podemos observar no seguinte gráfico:

Gráfico 1 – Tipos de trabalho infantil, Portugal



Fonte: PEETI, 2002.

Paulo Morgado de Carvalho, inspector-geral do trabalho, refere que nos anos de 2005, 2006, não houve recepção de nenhuma comunicação de TIA., porém “entre 1 de Janeiro e 31 de Maio, a IGT recebeu 53 comunicações, tendo sido instaurados 15 autos de notícia no sector audiovisual (telenovelas)” (Jornal Público, de 2 de Junho de 2007).

Estes números poderão evidenciar uma maior procura de crianças para participarem em situações no meio artístico, mas também a escassa inspecção que se fez notar nos anos transactos, na medida em que a procura de crianças para protagonizarem espectáculos no meio circense, dar mais autenticidade a spots publicitários, demonstrarem as suas capacidades no meio do desporto, dança, música, cinema, não ocorreu apenas em 2007.

Esta procura é motivo suficiente para, por vezes, as exporem às contingências de alguns desses trabalhos, tais como, as constantes quedas que acontecem no circo; as horas de trabalho que são necessárias para filmar uma cena no cinema ou na televisão; as horas de treino no desporto e na dança e também as horas de exercício para fazer um desfile, que cansam e magoam crianças que deixam de ter espaço e tempo para brincar com os seus pares e estar com a família ou mesmo frequentar a escola, como poderemos constatar nas palavras da Paula, mãe do Carlos (11 anos):

Quando fomos fazer o Triângulo Jota, [série infanto-juvenil portuguesa] a série, foi muitas horas, nem imagina [...] mas ele [Carlos], ele estava na mesma, bem disposto, mesmo cheio de sono mas bem disposto. (Paula, mãe do Carlos)

É muito preguiçoso [Carlos], mas imaginamos que ele vai fazer um anúncio imaginamos dois dias e calha-lhe à semana, [...] portanto, ele falta esses dois dias, mas ele se quiser quarta, quinta e sexta pode trabalhar para recuperar as aulas desses dois dias. (Paula, mãe do Carlos)

Tal como nos refere Raquel Sampaio, responsável pelo departamento de agenciamento da agência de modelos e figuração do Porto, Pinguim Models:

O tempo ocupado [nos desfiles] não é sempre em trabalho [...] há os ensaios que normalmente ocupam uma hora e depois o desfile em si que pode demorar 20, 30 minutos, o resto do tempo, apesar de ser contabilizado como trabalho, eles estão resguardados, sentados, nós tentamos conversar com eles, descontraí-los, não considero que essas 8 horas de trabalho sejam excessivas. (Raquel Sampaio, agente de moda/publicidade).

As deslocações exigidas, porque muitas vezes os trabalhos não são realizados na mesma cidade onde residem, são outra dimensão complexa do fenómeno. Por exemplo, o João (criança agenciada numa agência de figuração do Porto) aquando da realização de um filme teve que estar presente no Porto para as filmagens durante dois dias seguidos. No primeiro, a mãe decidiu ir de carro e o João teve que acordar às 6 horas da manhã para poder estar no estúdio de gravação às 8 horas, mas no segundo dia a hora foi alterada, por causa do receio de não haver luz suficiente para filmar todas as cenas necessárias para aquele dia; então o João, que vinha de Braga, teve que acordar às 5 horas da manhã para poder estar nos estúdios às 7 horas. No primeiro dia só conseguiu sair do local de gravações por volta das 18 horas da tarde, e entre o tempo de espera (que foi a maioria) e o tempo de filmagem, foi realizando com a mãe os trabalhos da escola. Mas foi notória a impaciência do João ao final do dia, aliás como a de todos os adultos presentes.

Este aspecto reflecte o tempo que, muitas vezes, as crianças e jovens são obrigadas a esperar pela realização de um trabalho, que ultrapassa sempre o estabelecido por lei, devido aos momentos de pausa, à caracterização (maquilhagem, guarda-roupa, etc.), a toda a preparação envolvente. No entanto, o trabalho artístico inscreve-se num sector crescente da sociedade portuguesa e intensamente promovido, não só pelas questões financeiras envolvidas, mas também pelo estatuto “limpo e glamouroso” que assume.

Infância e trabalho

São várias as dimensões que influenciam e são influenciadas pelo trabalho infantil: em primeiro lugar, o abandono ou o absentismo escolar, que tanto se podem considerar causas como consequências, o que Sarmiento

denomina de “desqualificação da actividade escolar como trabalho” (2004), assistindo-se a uma desqualificação das tarefas realizadas diariamente pelas crianças, na e para a escola, como por exemplo, trabalhos de casa, leituras, desenhos, brincadeiras com os colegas no próprio espaço escolar.

O abandono escolar é explicado por várias razões, sejam elas relacionadas com aspectos económicos, culturais ou sociais ou mediadas pela influência do grupo de pares, dos pais ou outros familiares. Este fenómeno “tem de ser analisado no quadro das relações que se estabelecem no interior do tecido social, as quais condicionam as realidades internas das escolas que os alunos abandonam” (SARMENTO et al, 2003, p. 272).

A nível familiar, os pontos de vista variam acerca da influência no TIA, na medida em que o abandono escolar e a inserção de crianças e jovens no meio artístico é feita através dos pais e, apesar de alguns trabalhos serem realizados em parceria com estes, muitos há que não o são, são mesmo pautados por muitas horas de trabalho, por vezes em turnos nocturnos, interferindo com outros aspectos da sua vida como a familiar. Assim sendo, o efeito geracional é, muitas vezes, o grande factor do TIA, transmitindo-se de avós para pais, de pais para filhos e destes para os seus filhos, até porque aparecer na televisão e ser reconhecido na rua parece ser um factor importante, na opinião dos pais, de mobilidade social ascendente.

Segundo Leandro, “numa óptica meramente económica, poder-se-á antes dizer que o filho é doravante, durante a infância, a adolescência e em muitas casos até da juventude, objecto de investimento familiar, como garantia e construção do seu próprio futuro individualizado” (2000, p. 32). Este investimento faz com que, muitas vezes, se dê menor importância à sua própria carreira profissional em detrimento da do filho. Foi possível observar na rodagem de uma produção cinematográfica no Porto, já mencionada, a ocupação do João e da mãe, que vivem em Braga, enquanto o primeiro aguardava por trabalhar, a mãe, professora primária, faltou ao trabalho durante dois dias para poder acompanhar o filho ao Porto. Com o decorrer do tempo de espera, a mãe foi ajudando o João a realizar os trabalhos da escola e a decorar o texto, uma vez que atribui muita importância às actividades desempenhadas pelo filho no mundo artístico. Estamos face a uma “ideologia” que incentiva o trabalho artístico, cada vez mais precoce, das crianças.

Porém, a preocupação essencial desta família não era tanto o que poderia obter em termos económicos do trabalho realizado, mas mais em termos experienciais, culturais e sociais. Isso também se observa nas entrevistas efectuadas, na medida em que os esforços praticados para que o/a filho/a concretize o sonho de estar inserido no mundo artístico são enormes, mas têm quase sempre a intenção de evitar uma culpabilização futura por parte da criança ao pai/mãe. Neste caso, a escola nunca é analisada como um recurso mais ou menos secundário, mas sim um objectivo a concretizar, como podemos constatar nas palavras do pai de Catarina em resposta à pergunta da entrevistadora: “E se ela puser a questão de desistir [da escola] antes de terminar, por exemplo, o 12º ano, se tiver assim um trabalho muito importante?:

[...] Eu preocupo-me sobretudo que ela tenha noções base de educação”.
(João, pai de Catarina (9 anos)).

Entrevistadora: Ela teve que desistir dos estudos por causa das actividades?

- Não, nem eu permitia uma coisa dessas. (Raquel, mãe de Joana (6 anos)).

Em todas as áreas analisadas para a presente investigação, estudar até ao 12º ano de escolaridade é uma finalidade sempre bem definida, quer pelos pais, quer pelas crianças e mesmo pelos seus agentes que reafirmam esse objectivo:

Entrevistadora: Mas se isso acontecesse uma criança [...] se lhe colocasse a questão, “eu quero desistir da escola [...]”, o que é que aconselharia?

- [...] tentava o mais possível que estudassem mais um bocado porque a área da moda e a área do espectáculo pode correr bem, como pode correr mal, não é? [...] tentava dissuadir da ideia de desistir”. (Raquel Sampaio, agente de moda/publicidade).

Entrevistadora: E quando lhe colocam a questão de desistirem da escola? Não sei se isso já lhe aconteceu.

- Nunca me aconteceu, mas para mim acho que é uma tristeza muito grande, [...] os melhores atletas são os mais evoluídos

intelectualmente, [...] dificilmente um atleta com pouca formação escolar atinge um nível de desenvolvimento intelectual elevado mesmo para o jogo, para a complexidade do jogo, porque não compreende o jogo.” Camilo Teixeira, treinador.

Entrevistadora: Mas se as suas filhas quisessem desistir da escola, o quê que...?

- Não, não deixava, nem pensar. Atenção, isso eu não deixava, nunca na vida, eu não deixava, isso é completamente fora de questão, porque é aquilo que eu disse há pouco, eu não sei se de hoje para amanhã elas vão querer a minha profissão [...] (Israel Merito, dono do circo).

Analisando o que acontece com alguns jovens artistas da sociedade portuguesa, podemos encontrar várias situações em crianças que participam ou participaram em espectáculos, independentemente da respectiva natureza: as que conseguem realmente alcançar o sucesso e não a abandonar até à idade adulta fazendo disso o seu modo de vida; as que a certa altura deixam de ser requisitadas para qualquer tipo de trabalho, confluindo essas situações, geralmente, em depressões e diminuição da auto-estima e, por último, as crianças que depois de adultas deixam de ter as “características exigidas” e são excluídas, tendo de procurar, sem formação, outro trabalho.

Importa dizer que seria pertinente melhorar as regras jurídicas e os novos códigos de proibição de trabalho para as crianças e jovens actores, manequins, jogadores etc., e também alertar para o facto de que passa despercebido o trabalho artístico, na medida em que ao nos divertir quando o vemos, esquecemo-nos de que as crianças e jovens que nos apresentam naquele momento, embora embelezadas e bem remuneradas (algumas), estão a trabalhar. Muitas vezes, a fronteira entre divertimento e trabalho é ténue e não conseguimos imaginar que aquele trabalho é fruto de disciplina, de horas de treino, factores exigidos na apresentação de qualquer trabalho artístico, o que acarreta uma dedicação extrema, distanciando as brincadeiras, o divertimento da vida das crianças.

Entrevistadora: Achas que são muitas horas de treinos ou por ti tinhas mais horas?

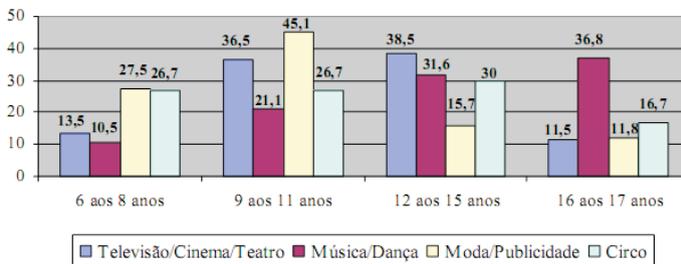
- Por mim bem me chega isto. Entrevistadora: Não jogavas mais se pudesses escolher? Filipe: Não. (Filipe, 7 anos).

Um estudo realizado pelo MSST e pelo SIETI relativamente às actividades dos menores em actividades artísticas revela-nos que “o mundo artístico e em especial o do espectáculo, detém na actualidade, designadamente em Portugal, uma enorme visibilidade pública, levando inclusive ao empolamento mediático de várias personagens artísticas, incluindo as crianças” (2004: 15). Deveria, por essa razão, ser detectável, sinalizar, diagnosticar e combater, mas o que acontece é precisamente o oposto, é um fenómeno consentido, tolerado, naturalizado, todavia, “não pode ser negligenciado, pois tratam-se de actividades com valor económico, ou seja, actividades produtivas que não podem ser qualificadas de «lazer» (e portanto de «não trabalho»), desempenhadas por menores e que podem, em algumas situações, afectar a saúde, o desenvolvimento físico ou moral, a educação e o aproveitamento escolar dos que nela estejam envolvidos.” (ibidem: 16), que é o que, de facto, está em causa.

É importante analisar em que patamar se encontram as crianças na altura de decidir o que ver em televisão, da mesma forma, como se apresentam ao público espectador, se a sua privacidade é ou não protegida e se não haverá uma exploração efectiva do trabalho infantil artístico.

O SIETI apresenta-nos um estudo realizado com 152 crianças da Região da Grande Lisboa, onde nos mostra que 33% das crianças entrevistadas se encontram a desempenhar actividades nas áreas da televisão, cinema ou teatro. O gráfico seguinte possibilita a análise das diferentes áreas, em função da idade.

Gráfico 2 – Distribuição dos menores por idades e áreas de actividade (em %)



Fonte: MSST/SIETI, 2004.

Assim, de acordo com o gráfico apresentado, a maior parte das crianças entre os 6 e os 11 anos encontram-se na área da Moda/Publicidade, tendência que reverte após os 12 anos para a área da Televisão/Cinema/Teatro, talvez porque são dois âmbitos que se imiscuem de alguma forma, através das agências de moda. Porém, a percentagem de crianças inseridas no Circo não diminui consoante a idade, os números tendem a estabilizar, o que poderá evidenciar a continuidade da actividade como profissão.

Os mundos sociais e culturais das crianças-artistas

As crianças estão rodeadas de actividades sociais, sejam elas o estar com os amigos, brincar, descansar, passar tempo em família, estudar e, no caso específico das crianças e jovens inseridos em TIA, as actividades que desempenham nessa área. Tudo isso contribui para a aprendizagem da cidadania, através de um processo de aprendizagem de normas e valores pelas crianças de acordo com as experiências que se vão transmitindo no seu grupo familiar, no grupo de amigos, na escola e nas diversas actividades que desempenham ao longo do dia. Quando questionadas sobre a gestão do tempo, as crianças afirmam:

Entrevistadora: Como é que fazes para conciliar, para juntar as actividades que tens no desporto, depois estares com a tua família e depois estares na escola e depois ainda brincares?

7 - Oh então tenho os dias todos... [...] Esta quarta tenho a manhã livre e sexta. A minha mãe trabalha fora e só vem à noite, não é? E então, às vezes estudo com a minha mãe na segunda [...]. E depois quinta-feira vou para os treinos, chego a casa vou tomar banho, depois estou um bocado com a minha mãe, depois como e depois faço os deveres. (Rui, 8 anos)

Tal como explica o Rui, apesar das várias actividades que tem para fazer durante toda a semana, o seu tempo tem de ser bem gerido e já está, para ele, bem delimitado e organizado, organização esta estabelecida pelos pais, pelo tempo escolar e por ele próprio, que vai definindo um pouco as suas vivências.

As actividades sociais das crianças e jovens podem ser consideradas como os agentes do processo de socialização, de aquisição de

conhecimentos, de partilha de experiências, repletos de significado social, dependendo este da importância que lhe é atribuída no quotidiano. São várias as tarefas das crianças e cada uma tem o seu contributo específico na formação contínua da pessoa, desde o seu nascimento até ao final da vida. Iremos dedicar-nos especificamente a duas dimensões: a escola e o tempo de ócio e lazer.

“Quero continuar a estudar”: o lugar da escola

Entrevistadora: Como é que fazes para conciliar as actividades que tens na escola, para estares com a tua família e depois, agora tens mais actividades no mundo artístico?

- Exacto. Tento ter um tempo, um bocado de tempo para tudo. (Catarina, 9 anos).

Para Lopes e Vasconcellos “a escola passa a dividir com a família as responsabilidades sobre a infância recém-inventada. A educação quotidiana, local até então de aprendizagem das crianças, cede lugar à educação escolar, onde as crianças, vistas nessa nova óptica como seres “puros” e “frágeis”, serão preparados para a “vida”, para a entrada no mundo adulto” (2006, p. 114). No entanto, poucas crianças, com excepção das do circo, referiram que queria abandonar a escola.

Entrevistadora: Gostas da escola? Filipe: Eu gosto. Entrevistadora: Queres continuar?

- Quero. (Filipe, 7 anos).

O tempo escolar, de facto, adquiriu uma nova importância nas sociedades contemporâneas, podendo-se, inclusivamente, estabelecer uma comparação entre este e o tempo do trabalho, organizado da mesma maneira: local próprio, horário, calendário, progressão. Podemos considerar o tempo escolar a partir de uma “perspectiva metassocial, na medida em que a escola, tal como a família, quer pelo currículo formal quer pelo chamado «currículo oculto», cria contextos de aprendizagem para a estruturação e planeamento do tempo, escolar e não escolar (PRONOVOST, apud PINTO, 2000, p. 55). Esta aprendizagem encontra-se “cada vez mais globalizada e o “capital

humano” das crianças terá de ser aferido de acordo com os standards internacionais” (MTSS/SIETI, 2005, p. 19).

Referindo-nos a este aspecto, surgem, não raras vezes, situações de insucesso e abandono escolar ou por desinteresse pelas matérias leccionadas, escassez de tempo para dedicar ao estudo; “a idade mais avançada em relação aos colegas que frequentam o mesmo ano de escolaridade e até a mesma escola; a pobreza das famílias; o cansaço e a fadiga inerentes aos percursos escolares; a ausência de empatia com os professores; a necessidade de ajudar ao sustento da família e a existência de condições propícias à entrada precoce para o mercado de trabalho” (PINTO, 1998, p. 130).

Entrevistadora: Continuas a frequentar a escola? E as notas?

- Hum... Tirei 3 negas. Entrevistadora: E achas que se deveu às actividades no espectáculo? Carlos: Um bocadinho, fica-se cansado. (Carlos, 11 anos).

Entrevistadora: A partir do momento em que começaste a jogar futebol a tua vida sofreu alguma alteração, alguma mudança?

- Sofreu, não é? As notas também desceram um bocadinho e assim, não havia hipótese, também estava a jogar e às vezes nem dava para estudar muito [...] (Jorge, 11 anos).

Entrevistadora: Que parte é que gostas mais? [...] Da escola, do circo...

- Ah, o recreio da escola, mas só o recreio [ri-se] e trabalhar no circo. (Patrícia, 13 anos).

No que ao tempo de ócio e lazer, assistimos à institucionalização e há excessiva organização, burocratização e agenda do tempo das crianças.

De acordo com o artigo 31º da CDC: “Os Estados Partes reconhecem à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e actividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística” (1989). Todavia, o que acontece frequentemente é que se confunde direitos com deveres e protecção das crianças com organização total do seu tempo. Observemos a variedade de actividades propostas às crianças nos seus “tempos livres”: aulas de

dança, de música, grupo desportivo, escuteiros, etc., decididos estes, muitas vezes, pelos pais ou representantes legais.

Ócio e lazer: tempos multiplicados

Através do tempo de lazer, do jogo e da brincadeira exercita-se um saber-fazer, controla-se o tempo e o espaço. Para além disto, as actividades das crianças enquanto participantes do jogo e do lazer “não devem ser compreendidas como meras actividades lúdicas, mas na expressão máxima da subversão dos valores da lógica da produção do utilitarismo da racionalidade produtiva capitalista, pelo contrário, ela é a própria negação desses valores, a negação do valor de troca” (SILVA, 2003, p. 28). São duas visões positivas das práticas lúdicas, na medida em que, por um lado, o exercício (experiência) e o auto-conhecimento detêm alguma importância, mas, por outro, tenta-se ir contra os valores capitalistas da sociedade contemporânea.

A actividade social que contribuiu para a elaboração da investigação e para a compreensão do quotidiano das crianças e jovens é o trabalho produtivo, TIA, com características bem definidas em termos de horário, regime e duração, não permitindo uma vivência adequada dos demais tempos e actividades sociais, constringendo uma experiência plena da infância, com todas as suas vertentes e âmbitos que deveria conter: brincadeiras e conversas no grupo de pares; relacionamento familiar;

De acordo com a tabela 3, a percentagem de crianças que desempenham duas actividades paralelas, o trabalho e o estudo, é bastante elevada, ultrapassando, nas três vertentes do trabalho infantil apresentadas, os 80%, sendo que no TIA atinge mesmo os 93,4%.

Tabela 3 – Percentagem de crianças que trabalham e estudam dentro das principais áreas de trabalho infantil

	Trabalha e estuda
Trabalho infantil 2001 ⁽¹⁾	85,5%
Trabalho infantil no mundo rural ⁽²⁾	93,9%
Trabalho infantil no mundo artístico ⁽³⁾	93,4%

Fonte: ⁽¹⁾SIETI, 2001; ⁽²⁾Pinto, 2003; ⁽³⁾SIETI, 2004.

De facto, algumas actividades realizadas pelas crianças e jovens no TIA são rotineiras, repetitivas, cansativas do ponto de vista do trivial e do hábito que se cria. Mas as relações que se criam com membros adultos propicia uma espécie de mistério em torno do adulto famoso com quem se contracena, com quem se joga futebol ou com quem se tem oportunidade de partilhar uma passerelle, como constatamos nas palavras da mãe de Carlos:

- [...] *o Carlos também fez o Triângulo Jota, o Nicolau Breyner, também já são actores e lidamos também com o mundo da moda, o que é bom.* (Paula, mãe de Carlos (11 anos)).

São múltiplas as causas explicativas para o fenómeno do trabalho artístico, onde destacamos o incentivo familiar associado à própria vontade das crianças. Pode-se, efectivamente começar a realizar uma actividade artística por influência de algum membro da família que já se encontra inserido na mesma área ou gostaria de ter realizado a mesma actividade enquanto criança, mas, na sua maioria, as crianças e jovens afirmam a vontade de trabalhar no meio artístico..

Entrevistadora: Foi mesmo por gostares [que começaste a realizar actividades artísticas]?

- Sim. Acho que sim. (Catarina, 9 anos).

- É assim, era [o meu sonho], mas [...] passou para o Carlos, de mãe para o filho e se ele realmente for isso [actor], realmente que Deus lhe ajude, mas dou-lhe muita força e segue esse caminho, [...] se não fui eu é para o meu filho, e eu já fico feliz com isso. (Paula, mãe de Carlos (11 anos)).

Tabela 4 – Principal motivo para trabalhar nas principais áreas de trabalho infantil

	Principal motivo para trabalhar
Trabalho infantil 2001 ⁽¹⁾	Porque quer
Trabalho infantil no mundo rural ⁽²⁾	Para sentir-se adulto
Trabalho infantil no mundo artístico ⁽³⁾	Por incentivo familiar

Fonte: ⁽¹⁾SIETI, 2001; ⁽²⁾Pinto, 2003; ⁽³⁾SIETI, 2004.

Muitos outros factores poderiam ser analisados, mas o principal objectivo foi perceber de que forma se considera que algumas actividades realizadas por crianças são avaliadas por elas e pelos adultos como trabalho ou como uma forma de ocupar o tempo divertindo-se. Face aos dados que este estudo exploratório nos fornece podemos afirmar a hibridez nestas duas concepções. As conclusões a que se chegaram não são representativas, mas ambos se confundem; se há trabalhos que dá prazer desempenhar, também há brincadeiras desagradáveis.

Conclusão

Trabalhar na área artística, ser famoso, ou poder um dia sê-lo é aliciante, deixando por isso, de ser cansativo, mas sim um divertimento para a maior parte das crianças e jovens entrevistados, tendo tido estes um papel activo na decisão em enveredar pela carreira artística ou pelo desporto federado.

De um modo geral, “o meio artístico e as profissões criativas detêm na actualidade, designadamente em Portugal, uma visibilidade pública e um grau de prestígio social como provavelmente nunca tiveram (...) Neste contexto, não é de surpreender que os pais sejam mais tolerantes diante da opção artística de um filho, sentindo-se mais seguros na motivação directa do seu talento.” (PAIS, 1995, p. 117).

Desta forma, tanto os filhos como, por vezes, os pais têm dificuldade em aceitar que poderá eventualmente não haver o sucesso tão almejado, surgindo situações de desalento, frustração e desilusão; todavia o momento vivido, a alegria momentânea de aparecer na televisão, em revistas ou catálogos, desfilar numa passagem de modelos, fazer um jogo importante e até marcar um golo e ser a estrela do dia, é algo marcante na vida.

Segundo Santos (2001) determinados fenómenos sociais globais afectam, de forma mais ou menos intensiva, pequenos sistemas, localidades, grupos e o que aí acontece. Exemplo disso mesmo foi a forma como se iniciou a procura de crianças para o desempenho de algumas actividades artísticas, através dos “castings” pelas pequenas localidades.

Não obstante, a classe social é um factor importante na altura de decidir ir até ao final na decisão de inscrever o/a filho/a numa agência ou num clube, pois só assim há a possibilidade de estar presente nos frequentes “castings” a nível nacional ou de assistir ao jogo do filho; no circo este problema coloca-se de outra forma, as crianças têm de possuir meios para se deslocarem da escola fixa até ao local onde o circo vai apresentar espectáculo; porém, a realização de todas estas actividades não foi considerada por nenhum entrevistado como prejudicando as restantes tarefas das crianças e jovens (escolares, familiares, brincadeiras).

O que se deve ter em consideração é, de facto, melhorar o conhecimento que se tem da realidade do TIA a partir, desde logo, pela construção de uma base de dados, relacionando todas as instâncias e entidades que estão juntas nesta luta contra a exploração das crianças e jovens, para, assim, se poder pôr em prática a legislação existente, aplicando sanções nos casos de abuso e negligência. Nestas situações deve também pensar-se na melhor maneira de se realizar a reabilitação da criança mal-tratada ou então em momentos de fracasso da carreira; tal já vai acontecendo em alguns programas televisivos, situações em que são acompanhadas por psicólogos, para mais facilmente lidarem com a fama e com o desconhecimento, dois momentos distintos, mas que acontecem rapidamente.

Notas

¹ Gostaria de agradecer ao Prof. Doutor Maurício Roberto, da Universidade Federal de Santa Catarina e à Prof. Doutora Catarina Tomás, da Universidade da Beira Interior/LIBEC, Universidade do Minho as sugestões para a elaboração deste texto.

² Coordenadora do Centro Local de Aprendizagem da Universidade Aberta de Peso da Régua, Portugal; Socióloga. Mestre em Sociologia da Infância pela Universidade do Minho, Braga, Portugal. E-mail: amelro@portugalmail.pt

³ Será utilizado este procedimento para as entrevistas para diferenciá-las de uma citação bibliográfica.

Referências

DEBORD, G. **Sociedade do Espectáculo**. Lisboa: Mobilis en Mobile, 1991.

LEANDRO, M.. “O trabalho infantil na interconexão de três vectores sociais: a família, a escola e o profissional”. In **Actas do Seminário Exploração do Trabalho Infantil Conhecer-Intervir**. Lisboa: Plano para a Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil e Ministério do Trabalho e da Solidariedade, 2000, p. 27-40.

LOPES, J. e VASCONCELLOS, T. “Geografia da Infância: Territorialidades Infantis”. In **Currículo sem Fronteiras**. Braga e Rio Grande do Sul: Instituto de Estudos da Criança e Universidade Federal do Rio Grande do Sul: vol. 6, n. 1: 103-127, 2006.

MINISTÉRIO DA SEGURANÇA SOCIAL E DO TRABALHO E SISTEMA DE INFORMAÇÃO ESTATÍSTICA SOBRE O TRABALHO INFANTIL **Caracterização das Actividades dos Menores em Espectáculos**, Moda e Publicidade. Lisboa: MSST/SIETI, 2004.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA SOLIDARIEDADE SOCIAL E SISTEMA DE INFORMAÇÃO ESTATÍSTICA SOBRE O TRABALHO INFANTIL **Educação e Trabalho Infantil em Portugal**. Lisboa: MTSS/SIETI. 2005.

PAIS, J. (Coord.). **Inquérito aos artistas jovens portugueses**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1995.

PAIS, J. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PINTO, G. **O Trabalho das Crianças de Pequeno é que se Torce o Pepino** (e o Destino), Oeiras: Celta Editora, 1998.

_____. **A televisão no quotidiano das crianças**. Porto: Edições Afrontamento.2000.

PLANO PARA A ELIMINAÇÃO DA EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL E MINISTÉRIO DA SEGURANÇA

SOCIAL E DO TRABALHO. **Relatório Anual de Actividades 2002**. Lisboa: PEETI/MSST, 2002.

PONTE, C. **Televisão para Crianças: o direito à diferença**. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus, 1998.

SANTOS, B. S. “Os processos de globalização”. In Santos, Boaventura de Sousa (org.). **Globalização: Fatalidade ou Utopia?**. Porto: Edições Afrontamento, 2001, p. 31-98.

SARMENTO, M. “As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade”. In SARMENTO, M.J.; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: ASA, 2004, p.9-34.

SARMENTO, M., Meira, E., Neiva, O., Ramos, A. e Costa, A. A Escola e o trabalho em tempos cruzados. In: M. Pinto e M. J. Sarmiento (Coord.). **As crianças: Contextos e identidades**. (265-293). Braga. Centro de Estudos da Criança-Universidade do Minho. 2003.

SILVA, M. R. **Trama doce-amarga: (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica**. São Paulo: Editora Hucitec. 2003.

TOMÁS, C. **Há muitos mundos no mundo...Direitos das crianças, Cosmopolitismo Infantil e Movimentos Sociais de Crianças – diálogos entre crianças de Portugal e Brasil**. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho, 2006.

UNICEF. **Situação Mundial da Infância 2006**. Excluídas e Invisíveis. Brasília: UNICEF, 2006.

WOODHEAD, Martin. **Combatting chil labour: listen to what the children say**. *Childhood*, v.6, n.º 1, p.27-49, 1999.

Abstract:

Activities for children and young people in artistic and sports performance: a childhood in the Entertainment Industry.

Writing about children working in the artistic performance, leads us often to a glamorous world, an experience still poorly understood and investigated leading to a "common sense" full of preconceptions and stereotypes, what these activities mean and imply, especially for children. If we look beyond the looks, we consider the essence of this work and understand the social mechanisms that produce it, we realize that children often work long and difficult periods. This text seeks to understand, from the critical paradigm of the sociology of childhood, the role of children working in artistic activities, considering them as part of the entertainment industry and entertainment. It aims to discuss the concept of artwork, which is too wide, even to express the essence of the realities that support it. Thus, we intend to contribute to the analysis of Child Labor in the Arts in Portugal, contributing to unconcealedness of a reality that appears largely made invisible and / or disguise. So, wants to know the social practices of the children artists in their space activities and temporally located (home, school, place of performance of activities, recreation, etc..), In the ways such practices enmeshed social groups belonging to the institutions of socialization and social life in the broadest sense.

Key-Words: Childhood, work, Child Labor Artistic.

Recebido em novembro de 2009.

Aceito em maio 2010.